



A CARÊNCIA DO PAI

Sandra Leticia Berta.¹

Resumo: Este trabalho aborda o tema da função paterna focado no conceito de *carência do pai* tal como foi trabalhados por Lacan nos seus Seminários *A relação de objeto* (Lacan, 1956-57/ 1995) e *As formações do inconsciente* (Lacan, 1957-58/1999). Tomando o exemplo do caso Hans, de Sigmund Freud, e da leitura realizada por Lacan nesses seminários é analisada a escrita $-\varphi$ que permite articular o conceito de falta imaginária com o de castração. Nas considerações finais se avança sobre o tema da função paterna a partir do articulado por Lacan no Seminário RSI (Lacan 1974-75, inédito).

Palavras chaves: pai, carência, falta, castração.

Começaremos dando ênfase a uma citação de Lacan no Seminário IV, *A relação de objeto*:

O desenvolvimento no neurótico de um sistema mítico qualquer - o que chamei outrora do mito individual do neurótico - se apresenta como uma saída, o desencaixe progressivo de uma série de mediações ligadas por um encadeamento significativo cujo caráter é fundamentalmente circular. O ponto de chegada tem uma relação profunda com o ponto de partida, sem ser todavia o mesmo. O impasse, qualquer que seja, que é sempre contido na partida, se reencontra no ponto de chegada sob uma forma invertida, para ser considerado como uma solução, com a diferença de uma mudança de sinal. O impasse de que se partiu se reencontra sempre, sob algum modo, ao fim do deslocamento operatório do sistema significativo (Lacan 1956-57/1995, p. 306-7).

Partiremos desta afirmação de Jacques Lacan, sublinhando aquilo que, no percurso da observação de Hans, aconteceu de forma atípica: a passagem do falo imaginário positivado

¹ Psicanalista, membro do Laboratório *Psicanálise e Sociedade* do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Mestranda do Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica da USP com o tema “O exílio no sujeito e na civilização: o exílio dos argentinos provocado pela Ditadura Militar Argentina (1976-83)”. Membro participante da EPFCL - SP.

Textura

para o falo imaginário negativizado, $\phi / -\phi$. Lacan nos disse que isto se deve à carência do pai com relação à posição paterna. É porque algo falhou, no pai de Hans, que o pequeno encontra essa saída que não é pela via do $-\phi$, escrita que permite articular o conceito da falta com o da castração. A pergunta que trilha este trabalho se refere ao conceito de *carência do pai*, conceito que tomamos dos Seminários ditados por Lacan nos anos 1956 e 1958.

A escrita $\phi / -\phi$ indica a passagem produzida para uma criança desde o jogo do engodo com a mãe, no qual o falo imaginário é o que realiza a função de velar a falta, passando pelo Édipo até o seu declínio. Lacan nos disse que a castração é o eixo, o pivô do complexo de Édipo. Para isto precisa-se de um pai. Tratarei de pontuar, então, as diferentes funções que foram destacadas por Lacan sobre a pergunta de Freud “*o que é um pai?*”, a partir da leitura dos três tempos do Édipo, formulados no Seminário V, *As formações do inconsciente* (Lacan, 1957-58/1999).

Cabe destacar que um ano antes, no Seminário *A relação de objeto* (Lacan, 1956-57/1995), a partir do conceito de falta - conceito fundamental nesse Seminário - são propostas três versões do agente: o pai imaginário, o pai real e a mãe simbólica, por trás deste último o pai simbólico. Trata-se de três formas de agenciar o que faz hiância na relação do sujeito ao Outro, e onde três formas do objeto cumprirão a função de mediação. Devemos pensar estas três formas de agenciar a falta como tempos lógicos - que não são estritamente correlativos dos três tempos do Édipo - dos quais o último, a castração, fica como testemunha do que se passou na constituição subjetiva.

Lembremos que para Freud o declínio do Édipo é o que possibilita a um sujeito a assunção do seu sexo. Tendo ele colocado a anatomia como destino, duas respostas podem ser delineadas: *penisneid* na mulher, virilidade no homem. É indiscutível que até o final da obra freudiana a saída para a menina comporta as marcas da inveja do pênis. Isto porque para Freud a saída normal da feminilidade não vai além do falo. Neste sentido, o filho vem no lugar do falo como significação. Significar o filho como falo, eis aí o destino da mulher, uma mulher - mãe, que sempre será mãe fálica. Sabemos que com Lacan a diferença da mãe e da a

Textura

mulher deixa aberta uma outra via para o feminino: para além do gozo fálico, o Outro gozo, S(A barrado), coloca em questão uma resposta que não somente a da castração.

Qual o destino para o homem? Faremos referência somente à saída da heterossexualidade masculina: o destino é a virilidade.

[...] é na medida em que seu próprio pênis é momentaneamente aniquilado que a criança é prometida, mais tarde, a ter acesso a uma plena função paterna, isto é, a ser alguém que se sinta de posse da sua virilidade” (Lacan 1956-57/1995, p.373)

A virilidade é a conseqüência de ter aceitado o jogo de “ganha quem perde”, um jogo possível somente com a condição de ser jogado na ordem simbólica. É curioso observar que a saída viril se inscreve pela paternidade.

Voltemos, então, ao Édipo.

O *primeiro tempo* é definido pela relação da mãe e da criança, relação que, longe de ser dual, coloca como terceiro o falo. O falo como objeto do desejo da mãe, é o que a criança tentará ser para satisfazê-la. A criança se identifica, como em espelho, ao falo. Este tempo está caracterizado pela alienação da criança nesse ser ou não ser o falo, “to be or not to be o falo” (Lacan 1957-58/1999, p. 192). É por isso que Lacan acentua o termo *assujet*, a criança está assujeitada ao capricho da mãe. Vemos em Hans o jogo de engodo - onde prima a relação imaginária tapeadora - vinculado à dialética simbólica da presença e ausência da mãe, e a angústia decorrente desse assujeitamento, justamente no momento em que a criança pode perceber que não é a metonímia do desejo da mãe enquanto uma criança falófora, porém é a metonímia com todo o seu ser, a metonímia como totalidade. O jogo do falo imaginário é surpreendido pela irrupção do gozo do órgão e a criança sabe, a partir daí, que o que tem para oferecer *cash* não é suficiente.

A criança é então colocada diante dessa abertura de ser cativa, a vítima, o elemento apassivado de um jogo onde vira presa das significações do Outro. Aí existe o dilema. (Lacan 1956-57/1995, p. 232).

Textura



Cabe destacar que neste tempo, a ação paterna está velada, porém está presente. Justamente porque o falo, como elemento simbólico, já anuncia a presença da lei.

O *segundo tempo* está regido pelo pai privador da mãe. O pai é o agente de uma falta real que concerne um objeto simbólico, ou seja, é o pai que agencia a privação da mãe. Para além da “lei materna”, lei do capricho materno, está a lei do pai, aquela que diz: *não reintegrarás teu produto*. Aqui o pai coloca em questão o que se dava no primeiro tempo do Édipo: *ser ou não ser* o falo da mãe. Neste ponto cabe destacar que, para a criança, o pai toma a versão do pai imaginário, aparece como o rival - com a condição de que a mãe reconheça nesse pai, não o pai terrível mesmo, porém a *palavra do pai*. Sendo privada do objeto do seu desejo, a mãe deve reconhecer a palavra do pai como palavra mediadora. É a partir daí que a criança deverá receber a mensagem que é a interdição paterna. Podemos pensar os estragos da mãe de Hans, essa mãe que não escuta a palavra do pai, que deixa a criança no seu leito com total descaso para com os gritos do pai de Hans. O *assujeitamento* de Hans, encarnando o falo para a mãe é a fonte da sua angústia.

Finalmente, o *terceiro tempo* do Édipo é aquele que coloca em primeiro plano o pai real como agente da castração. Trata-se da presença revelada do pai enquanto aquele que tem, aquele que pode dar à mãe o que de alguma forma tinha prometido no segundo tempo “suportando” a lei. Trata-se de que o pai potente, aquele que “o tem” permite a criança, o menino, identificar-se com essa potência, possibilitando a saída “feliz” do Édipo, pela via da identificação ao ideal, Ideal do eu.

É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, e que a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina. (Lacan 1957-58/1999, p. 201)

É aqui que a metáfora paterna adquire todo o seu estatuto: institui-se algo que é da ordem do significante e que ficará em reserva, a significação virá mais tarde. Quer dizer que, após do

Textura

declínio do Édipo, o menino terá como inscrição no inconsciente seu “*título no bolso*” que fará valer num momento posterior, na puberdade.

Podemos dizer que esse “*título no bolso*”, para Hans não se refere ao ideal paterno, porém à mãe. É aí que vemos a atípica saída de Hans. Trata-se de uma via atípica para a castração. Embora o pai real tenha intervindo com suas interrogações, sustentado pelo pai simbólico - Freud - algo não funciona e é o que faz com que o pequeno Hans utilize a porta do lado e não a porta central. Lacan nos disse que Hans apela para um terceiro pela via da linhagem materna: sua avó. Neste sentido, o que lhe resta - por ser ignorante da posição paterna - é uma paternidade *sui generis*. Ele será um pai mítico - “*a natureza me dará sem mulher descendência*”-, será um pai de filhos imaginários que responderão a esse falo desejado pela mãe. Assim, sua paternidade imaginária da conta de uma saída narcisista.

Lacan coloca a carência do pai de Hans em relação à posição paterna. Ele chega a dizer, no Seminário V, que o pai de Hans não é carente na realidade, aliás, ele está presente, é um homem que ama seu filho, que passa - pelo menos durante toda a observação - a maior parte do tempo com o filho. Então, a carência de *um* pai, o pai de Hans, refere-se a dois pontos cruciais: o primeiro é que este pai não pode assumir o papel do Deus ciumento, o segundo, que pouco pode com essa mulher, pouco pode dar-lhe desse objeto desejado e, correlativamente, pouco pode com essa mulher que tropeça quando se trata de veicular a lei do pai.

Lacan chama nossa atenção para o fato de que a carência tem que ser procurada no complexo e que para isto é preciso achar algo fora da dimensão da realidade - já nessa época Lacan destacou que a carência não é a ausência. Ora, se há que procurá-lo no complexo, onde estaria a chave da carência do pai?

Luis Herique Vidigal, no seu texto *A paternidade como enigma* propõe ler a carência do pai a partir do escrito por Lacan quando formula a metáfora paterna no seu texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (Lacan, 1955-56 / 1998) Citamos:

Textura

Tentemos agora conceber uma circunstância da posição subjetiva em que ao apelo do Nome-do-Pai corresponda, não a ausência do pai real, pois essa ausência é mais do que compatível com a presença do significante, mas a carência do próprio significante. (Lacan, 1955-56 / 1998, p. 563).

Esta frase está em relação com a definição que ele faz sobre a psicose, mas nosso colega chama a atenção para o fato de que nela também podemos ler algo que diz respeito à definição do significante *Phi* maiúsculo, Φ : o *significante do desejo*, o significante da falta de significante, que sempre - mais ou menos velado, mais ou menos elidido - anuncia a *presença real*, marca do desejo do Outro. Assim, essa carência do significante está inscrita na mesma definição do Φ : falo simbólico, definido como o significante da falta de significante. Este significante, o sujeito o procurará no Outro. Nesse movimento encontrará não o significante mesmo, porém sua própria divisão - *spaltung*.

Quer dizer que, nestes anos 1956 - 58, a carência do pai poderia ser lida da seguinte maneira: o que se transmite como significação fálica está estritamente relacionado à falta central do complexo de castração inconsciente “*que tem uma função de nó*” na assunção do sexo. Neste sentido, tal carência aponta para o seguinte: o único significante que representa o sexo é o significante do falo e disto cada sujeito tirará suas conseqüências. Este significante da falta de significante, definição do falo simbólico, transmitido no Nome-do-Pai, é o que permitirá a passagem da positivação do falo imaginário para sua negatização: $\phi / - \phi$.

A partir do Seminário XX, *Mais Ainda* (Lacan 1972-73 / 1992) gostaríamos de avançar algumas outras questões respeito da carência do pai.

Nas *fórmulas da sexuação*, do lado homem temos o “*ao menos um*” que diz ‘não’ à função fálica - o pai da horda -, e o resto dos homens da comunidade, todos eles afetados por dita função. Do lado mulher parte uma seta para o lado homem, aí lemos a fórmula do fantasma - \$ punção *a* - que Lacan acentua como o fantasma do homem, quer dizer, a forma que ele tem de se relacionar com o Outro: pela via do *a*.

Textura

En la medida en que el objeto a desempeña en alguna parte - y desde una partida, de una sola, la del macho - el papel de lo que ocupa el lugar de la pareja que falta, se constituye lo que solemos ver surgir también en el lugar de lo real, a saber, el fantasma (Lacan 1972-73 / 1992, p.78)

Entre o gozo do pai da horda e os homens submetidos à função fálica, vemos surgir o que diz respeito ao fantasma do homem: a causa do seu desejo, sendo colocada no parceiro, o objeto *a*-sexuado. Aqui uma mulher pode vir fazer semblante. Do pai da lei ao pai que é um homem. Isto nos leva a articulações posteriores de Lacan quando nos propõe que a *Pèreversion* do pai (Lacan 1974-5, inédito) permite definir sua versão pelo desejo que uma mulher pode suscitar nele, isto é, sua versão se define em relação ao seu desejo e a sua fantasia fundamental.

Algo a acrescentar é que Lacan nos alerta: a *verdade* e a *mulher* são para o homem um aperto, ambas têm em comum o *meio - dizer*. Está em debate, então, o que um pai pode transmitir de sua verdade, aquela que causa seu desejo e que responde no fantasma. A transmissão de algo dessa ordem da verdade se dará com uma condição: o *meio - dizer*. Ou seja, que o pai real - agente da castração - pode transmitir a mesma somente desde seu lugar de sujeito dividido, divisão esta que é a condição da transmissão.

Temos então, no ensino de Lacan, dois elementos fundamentais: a lei simbólica que articula a significação do falo, isto é Φ : falo simbólico, e aquilo que diz respeito ao desejo (como causa) e ao gozo (como mais de gozo) de um homem que, na ocasião, pode ser um pai. Neste sentido, poderíamos dizer que a carência do pai estará em relação com o que fracasse na transmissão destas duas vertentes?. Assim sendo, propomos o seguinte: um pai pode transmitir em *entre - dito* o que diz respeito à significação fálica, ao que causa seu desejo e que recorta seu gozo. Assim daremos um passo mais no conceito de carência do pai: do significante do desejo entanto falta de significante para a *transmissão* de um saber, sempre inconsciente, sobre o desejo e sobre o gozo.

Textura

Referências bibliográficas

- Freud S. (1981) *Análisis de la fobia de un niño de cinco años (Caso Hans)*, Obras Completas, Volumen II Ballesteros (4ª edição) Madrid: Biblioteca Nueva.
- Lacan. J. (1995). O Seminário, livro IV. *A relação de objeto* (1956 - 1957), Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- (1999) O Seminário V, *As formações do inconsciente*, (1957 - 1958), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,.
- (1992) O Seminário, livro VIII. *A transferência* (1960 - 1961), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- (1992) O Seminário, livro XX. *Aun* (1972 - 1973), Buenos Aires: Paidós.
- (1998) Escritos. *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1955-56) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- (1975) RSI, inédito.